# VERSOS

Descrevendo
as grandes e ruidosas festas
do Centenario do Poeta

## Manuel Maria Barbosa du Bocage

Promovidas e levadas a effeito
pela grande e illustre Commissão e pelos dez contos de réis
offertados pelo benemerito Governo,
generoso protector das Letras patrias
e dos interesses da cidade de Setubal
incluindo os do caminho de ferro do Valle do Sado

Pelo humilde poeta
ELYSINO SADÃO

CUSTO 40 RÉIS

Janeiro de 1906

Imprensa de Libanio da Silva
*29, Rua das Gaveas, 31*
LISBOA

# Bocage e o tempo

---

## I

### Antes das festas

No dizer dum biographo famoso,
Quando morreu o excepcional Poeta,
Pranteando a sua Lyra predilecta
De Lysia o céo choveu tempestuoso.

Quando lhe inauguraram, ruidoso,
Ali, aquella estatua *paparreta*,
Fosse por pêna, ou intenção faceta,
O céo desfez-se em rio caudaloso.

Bocage, não bateste o rude cobre;
Maravilhoso Artista sem desdoiro,
Martellaste, bem sei, metal mais nobre...

Por mais que digam, meu loquaz brégeiro,
Por mais que trabalhasses puro oiro,
Sempre foste afinal... um *caldeireiro!*

II

## Na vespera das festas

---

Bocage, sempre foste um *caldeireiro!*
Embora bem não esteja inda apurado,
Parece que ao nascer's já quiz teu Fado
Que em chuva desabasse o céo inteiro.

Foi-te sempre cruel, oh *petroleiro,*
O céo catholico desapiedado,
Céo dos Maniques, tôrvo céo irado,
O céo irmão do inferno justiceiro!...

Tu que mal avesavas um capote,
(Meu Rotchild de genio, perdulario)
Sabe Deus por quem dado, ou por calote...

Vivo, e já morto, por *piedosa mágua,*
(Que trema a commissão do centenario!)
O céo te deu muita *casaca d'agua.*

## III

## Durante as festas

---

*Bocage caldeireiro*, deu em vasa!
Vasa os barris o céo... mas generoso,
Surge estival, por fim, um sol glorioso
Que a terra em chuva doiro inunda e abrasa.

Campou o gran Synodo cá de casa,
Que o *centenario* arrematou vaidoso;
Campou o *Zé*, que se lambeu gostoso
Com um *cyrio*, que toda a fama arrasa...

Nimbo de heroes e deuses, sol triumphal
Dos *dias de Loubet*, sol *liberal*,
Vieste dar brilho ás festas centenarias...

Dar brilho para pôr mais saliente
A frieza das almas desta gente
E da gran Commissão das luminarias!

# O cortejo

---

## I

## O desfile

Sob um sol de apothéoses deslumbrante,
Ondúla a fita do cortejo lento;
Pelos *carros* ha oiro em esbanjamento;
Esbanja oiro o azul do céo flammante.

Vão fardas e medalhas de espavento,
Associações, a Camara chibante...
Mas, sem graça e sem vida emocionante,
O cortejo deslisa somnolento.

Passam, por entre o povo entristecido,
Chorosos *sol-e-dós* tocando perros,
E *irmandades* de olhar amortecido...

No alto explode a Luz, a Vida, a berros...
E cá em baixo, grave, aborrecido,
Passa triste o mais triste dos enterros.

II

## Na Praça

---

Morosa, numa estranha gravidade,
A procissão assoma finalmente.
Da multidão, que espera impaciente,
Vem um ténue murmurio de ansiedade...

Entram na Praça escólas da cidade:
São os anjinhos, com o andar cadente...
Nem o Lyceu, sequer, vibra fremente,
No louco ardôr da louca Mocidade!...

E toda aquella multidão que ondeia,
Como Bocage, aguardam que o cortejo
Lhes vá fallar, dizer de sua ideia...

E então eu vi, a um subito lampejo,
Bocage a bôca a abrir, de tédio cheia,
Rasgar-se num intérmino bocejo...

III

## Os discursos

---

Bem podia aguardar a multidão
O verbo official que santifica,
A voz que junto ás aras sacrifica...
Não tugiu nem mugiu a Commissão!

Mestre Theophilo é quem a situação
Salva outra vez; de novo pontifica...
Mas da *empreza* das festas (coisa rica!)
Nem um membro sequer... p'ra sacristão!

Com que direito, oh *Santa Frigideira*,
Festejaes um tal Genio sem segundo,
Sem saberdes deitar qualquer asneira?!...

Salvo o Fragoso, (que este falla ao mundo)
Se *frigis* como actores de primeira
Só mal servis... para *panno de fundo!*

IV

## Enterro, exequias, e depois novo assassinio

---

Ah Bocage, Bocage malfadado,
Como a Sorte te faz inda negaça!
Até ao festejarem-te, a desgraça
Entra contigo, oh grande desastrado.

O cortejo foi triste e acabrunhado
Como um *enterro*... e após, na tua Praça,
Fazem-te *exequias*, sem nenhuma graça...
O proprio *orpheon* entoava soluçado...

Ressuscitas p'ra quê, oh Vate egregio?
P'ra isto, para o abjecto sacrilegio?!...
Resurgem-te, para outra vez matar-te!

Depois do *enterro* e *exequias*, para o povo,
No *D. Amelia* [1] matam-te de novo...
Assassinos dos Genios e da Arte!

---

[1] *O coração de Bocage*, comedia.

# A Commissão

---

I

Faz-se uma commissão monumental,
Que se elege a si propria, por modesta...
Depois nomeia, numa fúria lesta,
Um montão de *aggregados* collossal.

Para *frigir*, para *compôr a orchesta*,
E' uma multidão phenomenal;
Mas três ou quatro apenas, afinal,
Surgem a sério a trabalhar na festa.

Estrondeiam foguetes e morteiros,
Pullulam logo enxames de festeiros,
Com ares de litt'ratos abelhudos...

Mas quando a discursar... ficam-se quedos,
Todos, todos se fecham quaes penedos...
—Falle o Theophilo, que os de cá são mudos!

## II

Nomearam-se apenas para armarem
Mastros, bandeiras, carros, galhardetes?...
Tão grande commissão, para queimarem
Bombas de mil morteiros e foguetes?!...

Elegeram-se só para espalharem
Officios, circulares, e bilhetes?...
E, por á pressa (e em tróça) os visitarem,
Darem a taes ministros *beberetes*?!...

Onde é que esteve, em tanto festival
Dum Poeta, a vossa acção intellectual,
Sábia e litt'rata, oh grande commissão?...

Para o arraial bastava um empreiteiro;
E com menos vozear, menos dinheiro,
Faria o *Tiro-tauro* tal funcção!

# Os teus commemoradores, da tua terra.

---

## I

## O soneto do Januario e outras sordicies

Desventurado Elmano, muita asneira
Foste obrigado a ouvir ahi de cima,
Em prosa chata e em chata e porca rima,
Com tôla pretensão louvaminheira!

Marmor que o sol do estio doira e anima,
Salsúja-te depois a inverneira;
Macúla-te a patricia baboseira,
Por entre o côro que te exalta e amima...

Olha o Januario, typo de cloaca,
A celebrar-te em versos de matraca,
Mais immundo que o esophago dum cano...

Porém a deste e a doutros vis sandeos
São vozes que não sobem nunca aos céos,
Nem mesmo chegam aos teus pés, Elmano!

II

## Os irreverentes, em prosa e verso.

---

Deveras te deploro, meu Bocage!
Vivo, muito *Daniel* impertinente,
Muito arremesso de canino ultrage,
Tiveste que zurzir valentemente.

Agora, em pedra, tens oh Vate ingente
Que impassivel ouvir toda a homenage
Que esguicham sobre ti impunemente
*Silvas*, *Januarios*, *Luzes*, sem ambage...

Seres de pedra já!... seres forçado
A soffrer todo o perro enthusiasmado
Que se lembrou de uivar qualquer blandicia!...

Ladram os cães á Lua sempiterna,
E, inconscientes, á Estatua alçando a perna,
Sempre houve cães, sem medo da policia.

III

## O soneto de um ferreiro que é vereador e membro da grande commissão do centenario

---

.............................................

Por isso n'um soneto primoroso
Tu, antes de morrer, disseste assim :
— *Já Bocage não sou!...* — Mas eu, saudoso,

Direi, COM PURO ARDOR, PROPRIO DE MIM :

.............................................

Soneto : «*A' memoria de Bocage*», de *José Maria da Silva*, (*vide Elmano* de 16 de Dezembro de 1905).

Em phrase dura e fria como lagem,
Em verso torto e esguio como um espeto,
Nada menos (oh céos!) de que em soneto
Tambem botaste lyrica homenagem.

E' obra *toda côxa*, e o *ferreo* aspecto
E' duma atroz auricular massagem
Para quem tem a singular coragem
De lêr-te o ferrugento e tonto affecto.

Olha que o verso, amigo, é outro trabalho;
Não se faz á bigorna nem com malho;
E' *outra loiça* isto, é outro arcano...

Mesmo que á forja, e ao rubro, os versos mettas,
Sahir-te-hão sempre frígidos, patetas...
Acredita que Orpheo não é Vulcano.

## Castigo d'um fidalgo illetrado e avarento

Ser rico, mas mesquinho, e que emproado
Grita minaz que de ninguem precisa...
*Typo* que berra contra os *sem-camisa*
De quanto a elle cheira a illustrado;

*Fidalgo* que despresa, em gesto irado,
Quanto poeta ha, quanto poetisa,
A' voz da Fama sóbe e se eternisa...
Por ser de *letras gordas* só dotado;

Eu acho já garoto atrevimento
Pôrem-lhe em frente á casa um monumento
Dum pobre e esfarrapado genio antigo...

Mas festejá-lo agora, e, a qual festeiro,
Obrigá-lo, inda em cima, a dar dinheiro...
Irra, que acho demais para castigo!

## Os illetrados que mordem e os invejosos que ladram

---

Não é só na torpissima Lisboa,
Tambem pelas provincias, ciosas filhas,
A febre *liberal* largos povôa
De muita estatua a torpes *bigorrilhas*.

*Memorias* vãs como esses *farroupilhas*
De fama que os ouvidos atordôa...
Por cima inda lhes fazem festa ás pilhas,
Cantam-lhe em tôrno muita e vária lôa...

Eu sei o que vos rála, oh invejosos,
E oh *ricaços* de magro entendimento,
Que assim fallaes inflando desdenhosos...

Mesmo que *massa* gorda em testamento
Deixassem para isso, generosos,
Não abichavam, creiam, monumento!